

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Coro

Casa da Música

Stefan Blunier direcção musical
Vadym Kholodenko piano

30 Jun 2023 · 21:00 Sala Suggia



casa da música

FUNDADOR GOLD

AMORIM

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Ferruccio Busoni

Suite *Turandot*, op. 41 (1904-17; c.25min)

1. A Execução, o Portão da Cidade, a Despedida (da música para o Acto I)
4. Marcha “Turandot”
5. A câmara das mulheres. Introdução para o Acto III
7. “Valsa nocturna” (da música para o Acto IV)
8. “In modo di Marcia funebre” e “Finale alla Turca” (do Acto V)

2ª PARTE

Ferruccio Busoni

Concerto para piano e orquestra com coro masculino, op. 39 (1903-04; c.70min)*

1. Prologo e Introito
2. Pezzo giocoso
3. Pezzo serio (Introductio — Prima pars — Altera pars — Ultima pars)
4. All'Italiana
5. Cantico

*Estreia em Portugal. Texto original e tradução na página 6.

Ferruccio Busoni

EMPOLI (ITÁLIA), 1 DE ABRIL DE 1866

BERLIM, 27 DE JULHO DE 1924

Ferruccio Busoni foi uma figura fascinante da história da música ocidental na viragem para o século XX. Cosmopolita pelo seu rico percurso formativo e profissional, que o levou a passar por diferentes pontos da Europa e da América do Norte, muito cedo granjeou reconhecimento como virtuoso do piano — foi, na verdade, um dos maiores pianistas de todos os tempos —, tendo-se destacado também como um influente professor de piano e até de composição, com um sem-número de discípulos em ambos os campos. No entanto, a sua obra enquanto compositor — actividade que a partir de certa altura considerou a sua principal vocação — nunca mereceu a mesma estima do público em geral: exceptuando alguns arranjos e edições revistas de peças de autores canónicos, muito raramente é ouvida a sua música para piano, de câmara, orquestral ou operática.

No percurso criativo de Busoni, o ano de 1900, data do seu estabelecimento em Berlim, marcou um importante ponto de viragem. O seu estilo inicial tinha-se nutrido essencialmente nas últimas implicações do idioma do Romantismo, mas daqui em diante desenvolveu uma voz própria, bastante original, inspirado em particular no ensaio *Esboço de uma nova estética da música* (que escreveu em 1906 e fez publicar no ano seguinte), no qual, em simultâneo, apelava a um retorno ao Classicismo e indagava sobre as novas possibilidades da escrita microtonal e dos instrumentos electrónicos.

Suite *Turandot*, op. 41

É sabido que, durante toda a sua vida, Busoni nutriu uma predilecção especial por temáticas sobrenaturais e místicas, tendo nesse sentido recorrido frequentemente a literatura fantástica em busca de material para música teatral. A aproximação do centenário da morte de Carlo Gozzi (1720-1806) parece ter estimulado o seu interesse pela história da princesa Turandot, que haveria de o ocupar por mais de uma década. Em causa estava o conto de fadas teatral *Turandot* (1762), o mais conhecido entre os que aquele célebre dramaturgo veneziano havia escrito, nesse caso partindo supostamente de um dos contos persas da colecção *Les Mille et un jours*, publicados entre 1710 e 1712 pelo eminente orientalista François Pétis de la Croix. A tragicomédia em cinco actos contava a história da bela, orgulhosa e cruel princesa chinesa que, não aceitando qualquer pretendente, fazia pagar com a vida aqueles que falhassem na resolução de três enigmas, até que um certo príncipe Calaf consegue ser bem-sucedido e conquistar a sua mão. A versão de Gozzi, estreada no pequeno Teatro de San Samuele, em Veneza, tinha sido concebida no âmbito de uma reacção ao estilo moderno do influente dramaturgo Carlo Goldoni, recuperando traços estilísticos da antiga tradição da *commedia dell'arte*, e assim, antes do final da peça, Turandot conhece as origens daquele príncipe através da intervenção dos seus servos Truffaldino, Brighella, Pantalone e Zelima em cenas burlescas que deliberadamente neutralizam a atmosfera trágica predominante.

O tema já tinha suscitado o interesse de C. M. von Weber, que compôs a abertura e música de cena *Turandot*, op. 37 (1809), para uma produção da tradução realizada por Schiller em 1802. Recusando essa versão alemã, Busoni

tomou como base o texto original de Gozzi quando em 1904 esboçou treze números musicais, tomando como modelos *Egmont* (op. 84) de Beethoven e *Ein Sommernachts-traum* (op. 61) de Mendelssohn. No processo de composição, recorreu ainda a melodias extra-europeias usadas por August Ambros para ilustrar a sua *História da Música* (1862). E foi já no Verão do ano seguinte que organizou os materiais na forma da Suite *Turandot*, op. 41, fazendo-a estrear a 21 de Outubro, em Berlim, com a Orquestra Filarmónica de Berlim sob a sua direcção. A apresentação da obra como música de cena teria lugar já em 1911, na mesma cidade, com sucesso limitado, e em 1916 resolveria adaptar todo o material a uma ópera em dois actos (BV 273), estreada em 1917, em Zurique, a par do seu *Arlecchino*.

O 1.º andamento, “Die Hinrichtung, Das Stadttor, Der Abschied (aus der Musik zum ersten Akt)” [A Execução, o Portão da Cidade, a Despedida (da música para o Acto I)], é uma marcha caracterizada pelo seu colorido exótico, que lhe é conferido pelo cariz orientalizante dos motivos e fragmentos escalares apresentados pelos sopros. O 4.º andamento, “Turandot Marsch” [Marcha Turandot], abre desde logo como uma marcha séria e majestosa, pontuada também por momentos mais expressivos, mas sempre marcada pelo colorido exótico — que decorre do recurso a escalas pentatónicas, ostinatos e detalhes de instrumentação — na representação da personagem da princesa. O 5.º andamento, “Das Frauengemach. Einleitung zum III. Akt” [A câmara das mulheres. Introdução para o Acto III], é um momento sereno que se refere à passagem em que Turandot confessa às servas os seus sentimentos mistos pelo príncipe desconhecido. Sobre as sonoridades das harpas é citado o célebre tema da canção tradicional “Greensleeves”. O 7.º andamento,

“Nächtlicher Walzer (aus der Musik zum vierten Akt)” [Valsa nocturna (da música para o Acto IV)], decorre à maneira de uma valsa, numa atmosfera predominantemente sinistra que por vezes se torna misteriosa ou melíflua. Por fim, o 8.º andamento, “‘In modo di Marcia funebre’ e ‘Finale alla Turca’ (aus der Musik zum fünften Akt)” [‘Em modo de Marcha fúnebre’ e ‘Finale alla turca’ (da música para o Acto V)], abre numa atmosfera austera e pesarosa, marcada pelas melodias lúgubres enunciadas pelos sopros sobre ritmos tétricos, a qual surpreendentemente conduz a um *finale* animado, que encerra a suite com um *tutti* enérgico.

Concerto para piano e orquestra com coro masculino, op. 39

O Concerto para piano e orquestra, em Dó maior, op. 39 (BV 247), foi composto entre 1901 e 1904, tendo sido estreado a 10 de Novembro desse ano, em Berlim, com o compositor ao piano e a Orquestra Filarmónica de Berlim sob a direcção de Karl Muck. A reacção da crítica foi então mista, nalguns casos tendendo para a hostilidade, e nas décadas subsequentes, tendo em conta a sua complexidade, o Concerto nunca alcançaria mais do que um lugar marginal no repertório.

Com efeito, nesta obra, que representa o zénite da sua primeira fase criativa, o próprio Busoni admitiu pretender conciliar o modelo de Mozart, em que o destaque é colocado no virtuoso compositor-intérprete, com o modelo de Beethoven, em que a obra concertante adquire frequentemente uma índole sinfónica. O resultado foi um concerto de proporções gigantescas — cinco andamentos tocados sem interrupções, com cerca de 70 minutos de duração —, que requer um efectivo orquestral enorme e coloca exigências hercúleas ao

solista, embora sem as mesmas possibilidades de exibição virtuosística que o típico concerto romântico. Em termos estilísticos, esta é uma peça que concilia referências oitocentistas muito diversas, desde temas beethovenianos e crescendos rossinianos, passando por momentos expressivos à maneira de Chopin e de Schumann, até passagens virtuosísticas à *la Liszt* e uma escrita massiva que recorda Brahms. Se, por um lado, a abordagem deliberadamente exagerada do compositor não deixa de sugerir uma paródia ao concerto romântico, por outro, a sua abrangência remete igualmente para um ideal mahleriano, para o que concorre também a inclusão de um coro masculino no último andamento.

A ideia não era nova: Beethoven foi o primeiro a fazê-lo na sua Fantasia para piano, coro e orquestra, em *Dó menor*, op. 80 (1808), e alguns anos depois também o Concerto para piano n.º 6, em *Lá maior*, op. 192 (1858) de Henri Herz recorria a um final coral. No caso do concerto de Busoni, está em causa uma passagem da peça *Aladdin*, de Adam Oehlenschläger (1779-1850), publicada em dinamarquês em 1805 e numa edição alemã revista em 1808. O compositor planeou tomar esta peça, que apresentava paralelos com o *Faust* de Goethe, como libreto de uma obra musico-teatral, mas apenas faria música para a cena mística final na caverna mágica, que acabaria por integrar no seu concerto.

O 1.º andamento, “Prologo e Introito: Allegro, dolce e solenne”, inicia com uma ideia de cariz hínico nas cordas, em *Dó maior*, logo ampliada pelo *tutti* até que a intervenção da trompa anuncia a entrada do solista com uma variação comentada pela orquestra. É apresentado um novo tema próximo da tipologia da *sarabande*, em *Mi maior*, e após uma secção de desenvolvimento inicia-se uma recapitulação variada

que se intensifica cumulativamente em direcção à cadência final do solista, a qual dá lugar a uma coda amena que evoca as sonoridades do princípio.

Por sua vez, o 2.º andamento, “Pezzo giocoso”, começa com os movimentos velozes e fantásticos do piano, pontuados por cordas e sopros, que conduzem à elaboração humorística de uma ideia estrídula apresentada pelos metais. Na orquestra surge um novo tema, mais absorto, a que o solista responde encaminhando-se para a reiteração da ideia inicial. Aquele segundo tema assume feições mais sinistras, e a coda espectral, para piano e percussão, produz um final dúbio.

Segue-se um 3.º andamento maciço, “Pezzo serio”, que se subdivide em quatro partes: “Introductio: Andante sostenuto”; “Prima pars: Andante, quasi adagio”; “Altera pars: Somesamente”; e “Ultima pars: a tempo”. Abre com uma ideia inquietante nos sopros e nas cordas, a que acresce uma outra mais desafiante, até que o solista se apresenta numa atmosfera mais tranquila. Estabelece-se então o movimento típico da *barcarolle*, sobre o qual o piano faz ouvir um conjunto de novos elementos. Cabe também ao solista apresentar um novo tema de cariz heróico, apoiado pela intensidade rítmica das cordas, e após uma recordação da ideia desafiante nos metais é retomado o ambiente do princípio em mais um encerramento equívoco.

O 4.º andamento, “All’Italiana: Vivace (in un tempo)”, inicia-se com o tema principal, caracterizado pelo seu ritmo típico da *tarantella*, enunciado pelo solista sobre o acompanhamento das cordas, sendo logo elaborado em animados diálogos com os sopros. Um episódio avança à maneira de uma marcha exaltada até ser retomado o espírito inicial, com o solista em destaque, momento que por sua vez conduz a

um novo episódio diferenciado. Uma cadência extremamente exigente para o solista culmina numa ruidosa intervenção do *tutti*.

Por fim, o 5.º andamento, “Cantico: Largamente”, começa numa atmosfera séria, em Mi menor, com os arabescos do piano envolvidos numa orquestração bastante imaginosa, sendo lembrados temas ouvidos no 3.º e no 1.º andamento. Quando as cordas graves evocam o ambiente idílico do final do “Pezzo serio”, em Mi maior, um coro masculino invisível entoa com reverência as palavras da cena final do *Aladdin* de Oehlschläger, uma meditação sobre a temática da transcendência espiritual que consiste numa variação extasiada do hino místico ouvido no início do concerto. Uma e outra vez, piano e orquestra recordam ideias ouvidas em andamentos anteriores, até que, de modo imprevisível, o concerto encerra com uma peroração virtuosística.

LUÍS M. SANTOS, 2023

F. Busoni: Concerto para piano e orquestra
Poema de **Adam Gottlob Oehlenschläger**

*Hebt zu der ewigen Kraft eure Herzen;
Fühlet euch Allah nah,
schaut seine Tat!
Wechseln im Erdenlicht Freuden
und Schmerzen;
Ruhig hier stehen die Pfeiler der Welt.
Tausend und Tausend und abermals tausende
Jahre so ruhig wie jetzt in der Kraft,
Blitzen gediegen mit Glanz und mit Festigkeit,
Die Unverwüstlichkeit stellen sie dar.*

*Herzen erglüheten, Herzen erkalteten,
Spielend umwechselten Leben und Tod.
Aber in ruhigen Harren sie dehnten sich
Herrlich, kräftiglich, früh so wie spät.
Hebt zu der ewigen Kraft eure Herzen.
Fühlet euch Allah nah,
schaut seine Tat!
Vollends belebet ist jetzo die tote Welt.
Preisend die Göttlichkeit, schweigt
das Gedicht!*

Elevai os vossos corações ao poder eterno;
Senti-vos próximos de Alá,
contemplai os seus actos!
Na luz terrena, alternam-se alegrias
e tristezas;
Placidamente estão aqui os pilares do mundo.
Há milhares e milhares e mais milhares
De anos, tão calmos como agora robustos,
reflectem com esplendor e com firmeza,
a indestrutibilidade que representam.

Os corações ardam, os corações arrefeciam,
Alternando no jogo entre a vida e a morte.
Mas na espera calma eles se estendiam,
Gloriosos, poderosos, tanto cedo como tarde.
Elevai os vossos corações ao poder eterno.
Senti-vos próximos de Alá,
contemplai os seus actos!
O mundo desmaiado está agora
totalmente vivificado.
Louvando a divindade, o poema emudece!

Stefan Blunier direcção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. Além dos seus compromissos no Porto, a temporada 2022/23 leva-o a dirigir a Orquestra Nacional de Lille e a Filarmónica de Copenhaga. Na temporada passada, foi convidado para os pódios da Orquestra da Suíça Romanda, da Sinfónica de Berna, da Orquestra Estatal de Darmstadt, da Sinfónica da Ópera de Toulon e da Sinfónica de Singapura. Em Junho de 2022 regressou à Ópera Alemã do Reno com *Macbeth* de Verdi.

Depois da nova produção de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi recentemente bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda* e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Dirigiu *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi director geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente

apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como maestro de ópera, tem-se apresentado em cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres. Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção de orquestra em Berna e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos Concursos de Direcção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim e director musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como director geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Vadym Kholodenko piano

O pianista ucraniano Vadym Kholodenko conquistou o público de diferentes pontos do mundo com o seu som profundo, um excepcional requinte na forma como se expressa e um grande virtuosismo. Distinguido várias vezes (Prémio Van Cliburn, Concurso Schubert em Dortmund e Concurso Sendai no Japão), é muito requisitado para se apresentar em recital e em concerto. Enquanto Artista em Residência na Sinfónica SWR, em 2021/22, tocou Fauré, Brahms, Rachmaninoff e Beethoven.

A sua carreira internacional levou-o a orquestras na Europa, nos Estados Unidos e no Japão, para tocar com formações como a Orquestra da Filadélfia, a Real Orquestra Filarmónica, a Staatskapelle Weimar, a Sinfónica da BBC, a Sinfónica Nacional da RAI, a Filarmónica do Japão, a Sinfónica Metropolitana de Tóquio e a Sinfónica de Sidney. Vladimir Fedoseyev, Teodor Currentzis, Kirill Karabits, Louis Langrée, Andrey Boreyko, Christian Macelaru, Pinchas Zukerman, Krzysztof Urbanski, Yuri Bashmet, Thomas Søndergård, Ion Marin, Valery Gergiev, Dmitry Slobodeniuk, Lionel Bringuier e Kazuki Yamada são alguns dos maestros com quem trabalhou, em repertório que inclui os concertos de Brahms, Beethoven, Bartók, Scriabin, Rachmaninoff e Busoni.

Quanto aos actuais compromissos em concerto, contam-se actuações com a Sinfónica Nacional Dinamarquesa, a Sinfónica de Lahti, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Nacional da Escócia, a Orquestra Nacional de Gales da BBC e uma digressão com a Sinfónica de Roterdão (que contempla a presença no Concertgebouw).

No passado recente, Vadym Kholodenko tocou com as sinfónicas de Cincinnati, Atlanta e Indianápolis, a Sinfónica Escocesa da BBC,

a Orquestra Nacional RTÉ da Irlanda, a Filarmónica Janáček, a Filarmónica Toscanini, a Sinfónica de Bournemouth, a Orquestra Nacional de Bordéus Aquitânia, a Filarmónica do Luxemburgo, a Orquestra da Rádio Norueguesa, a Filarmónica de Copenhaga, a Sinfónica de Praga, a Sinfónica de Barcelona, a Sinfónica da RTVE, a Orquestra Nacional de Espanha e a Orquestra NCPA de Pequim.

Enquanto recitalista, Kholodenko actuou nos Estados Unidos (Nova Iorque, Washington e Boston) e no Festival de Música de Aspen. Na Europa, subiu aos palcos da Konzerthaus de Viena, do Wigmore Hall, do St. Luke's (Sinfónica de Londres) e da Academia Liszt de Budapeste. Esteve em locais tão distintos quanto Paris, Moscovo, Bilbao, Bruxelas, Lucerna, Pequim, Singapura e Japão. Tocou em vários festivais, entre os quais o SWR Schwetzingen Festspiele, o La Roque d'Anthéron e o Festival Chopin em Varsóvia.

Entre as gravações de Kholodenko para a Harmonia Mundi, merece destaque o Concerto para piano de Grieg e o Concerto para piano n.º 2 de Saint-Saëns, que foi a Escolha do Editor da Gramophone; assim como a integral dos concertos para piano de Prokofieff. O seu disco a solo com obras de Scriabin recebeu um Diapason d'Or e, na última temporada, lançou mais dois discos em que toca, a solo, peças de Prokofieff e Tchaikovski. A editora Quartz prepara a edição das suas interpretações de obras de Chopin, Godowsky e Rzewski (*The People United will Never be Defeated!*).

Vadym Kholodenko nasceu em Kiev, na Ucrânia, tem ascendência israelita e deu os primeiros concertos com 13 anos de idade nos Estados Unidos da América, China, Hungria e Croácia. Estudou no Conservatório Estatal de Moscovo com Vera Gornostaeva.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Coro Casa da Música

Paul Hillier maestro emérito

Pedro Teixeira maestro adjunto

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música é constituído por uma formação regular de 18 cantores, que se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados. Contou com Paul Hillier como maestro titular, até 2019, e tem sido também dirigido por outros maestros prestigiados no âmbito da música coral, como Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Sofi Jeannin, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Grete Pedersen, Kaspars Putniņš, Nacho Rodríguez, Gregory Rose, Nils Schweckendiek, Léo Warynski e James Wood. As suas participações em programas corais-sinfónicos levam-no a trabalhar com os maestros Martin André, Stefan Blunier, Douglas Boyd, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky e Takuo Yuasa, destacando-se ainda os programas de música antiga com especialistas como Laurence Cummings, Paul McCreesh e Hervé Niquet.

As temporadas do Coro Casa da Música revelam um repertório eclético que se estende desde os primórdios da polifonia medieval à nova música. Ao longo dos anos, apresentou em estreia mundial obras de Francesco Filidei, Michael Gordon, Gregory Rose, Manuel Hidalgo, Carlos Caires e ainda uma partitura reencontrada de Lopes-Graça. Fez ainda estreias nacionais de obras de compositores fundamentais do nosso tempo como Birtwistle, Manoury, Dillon, Haas ou Rihm, e tem interpretado outras figuras-chave dos séculos XX e XXI, como Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina, Kagel ou Cage.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira. O seu primeiro disco, dedicado a Fernando Lopes-Graça, será brevemente editado pela Naxos.

As colaborações com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música têm permitido ao Coro a interpretação de obras como: *Vésperas* de Monteverdi, *Te Deum* de Charpentier, *Missa em Si menor*, *Oratória de Natal* e *Magnificat* de Bach, *Messias* de Händel, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Requiem* e *Missa em Dó menor* de Mozart, *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Requiem* de Verdi, *Missa de Santa Cecília* de Haydn, *Credo* de Arvo Pärt e *Das Klagende Lied* de Mahler.

Na temporada de 2023, o Coro acrescenta algumas obras fundamentais ao seu repertório, em parceria com as orquestras da Casa da Música: a ópera *Elektra* de Richard Strauss, a cantata cénica *Carmina Burana* de Carl Orff e o *Gloria* de Vivaldi. Regressa ainda ao emblemático *Magnificat* de Bach, no concerto especial de Natal. Nos seus concertos *a cappella*, cobre uma gama ampla de períodos históricos, desde Pedro de Cristo e Heinrich Schütz a Arvo Pärt, György Ligeti e Hugo Distler.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e no Auditório Nacional de Madrid, no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tenso Days em Marselha, nos Concertos de Natal de Ourense e em várias salas portuguesas.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Violino I

Evgeny Makhtin
José Despujols
Maria Kagan
Emília Vanguelova
Andras Burai
Vladimir Grinman
Roumiana Badeva
Alan Guimarães
Evandra Gonçalves
Ianina Khmelik
Vadim Feldblioum
Pedro Carvalho*
Catarina Resende*
Ana Luísa Carvalho*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Tatiana Afanasieva
Catarina Martins
José Paulo Jesus
Lilit Davtyan
Karolina Andrzejczak
Mariana Costa
Pedro Rocha
Domingos Lopes
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Margarida Campos*

Viola

Pedro Meireles
Hazel Veitch
Anna Goner
Luís Norberto Silva
Theo Ellegiers
Emília Alves
Biliana Chamlieva
Jean-Loup Lecomte
Cristiana Barreiro*
Rita Barreto*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
João Cunha
Hrant Yeranosyan
Aaron Choi
Ana Sofia Leão*
Burak Özkan*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Telma Mota*
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Gergely Suto
João Moreira

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Cândida Nunes

Trompa

Nuno Vaz
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik

Trompeta

Sérgio Pacheco
Leandro Rocha*
Ivan Crespo
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
Pedro Silva*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan
Erica Versace*

*instrumentistas convidados

Coro Casa da Música

Tenores

André Lacerda
Bernardo Pinhal
Fábio Borges
Fernando Guimarães
Gustavo Queirós
Hugo Pereira
João Paulo Sousa
Leonel Gomes
Luís Toscano
Marcos Rosa
Mário Santos
Miguel Leitão
José Carlos Mateus
Rui Paiva

Baixos

André Carvalho
Carmindo Carvalho
Igor Vale
Ivo Brandão
João Vasco Rodrigues
Luís Rendas Pereira
Mário Pimentel
Nuno de Almeida
Nuno Ilharco Gonçalves
Nuno Mendes
Pedro Guedes Marques
Pedro Gonçalves Ferreira
Pedro Lopes
Pedro Silva Marques
Pedro Soares
Ricardo Rebelo da Silva
Ricardo Torres
Tiago Matos

Maestro co-repetidor

Nacho Rodríguez

Pianista co-repetidor

Luís Duarte

Próximos concertos

02 DOMINGO 18:00 SALA SUGGIA

Sonópolis 2023

Sam Mason e Tim Steiner direcção musical

17.º Curso de Formação de Animadores Musicais, Outros interpretação

03 SEGUNDA 21:30 SALA SUGGIA

Brad Mehldau Trio

promotor: Incubadora D'artes

04 TERÇA 19:30 SALA 2

FoleFest

concerto de laureados acordeão

05 QUARTA 21:30 SALA SUGGIA

Bala Desejo

07 SEXTA 21:00 SALA SUGGIA

Prémio Suggia

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Bruno Borralhinho direcção musical

Konstanze Pietschmann violoncelo

Obras de **Fernando Lopes-Graça, Dmitri Chostakovitch e Sergei Prokofieff**

08 SÁBADO 10:00 VÁRIOS ESPAÇOS

Maratona de Violoncelistas 2023

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

